

A MORTE MISTERIOSA  
DO MARQUÊS DE LOULÉ



*Salvaterra, 1 de Março de 1824.*

Começou a correr ontem à tarde, em Lisboa, a notícia de que aparecera morto, num pátio do Palácio de Salvaterra, onde a Família Real e a Côrte se encontram a passar a época do Entrudo, o Estribeiro-mor de El-Rei, senhor Marquês de Loulé. Quem trouxera a má nova foram uns fragateiros de Alcochete que atracaram junto ao Cais dos Soldados e que asseveravam ser corrente no Ribatejo a versão de que o senhor Marquês fôra assassinado!

A notícia era de tal tômo que procurei logo partir para aqui. Infelizmente veio depressa a noite e só esta madrugada pude largar Tejo arriba em demanda desta aprazível vila.

Mal desembarquei, tive a confirmação da tragé-

dia. Em Salvaterra, a consternação era enorme, não só pela morte de pessoa tão estimada como o Estribeiro-mor de Sua Majestade, mas também porque as festas do Carnaval estavam evidentemente prejudicadas. Nem máscaras, nem caçadas às lebres, nem cavallhadas em que seriam guias e contra-guias os garbosos fidalgos da nossa Côrte, dirigidos pelo Sereníssimo Senhor Infante D. Miguel.

Não perdi tempo a ouvir os boatos mais descontraçados, espalhados pelo mulhierio da pitoresca vila ribatejana, e dirigi-me logo ao Paço, onde antigas relações e a missão que levava me permitiam colher as melhores informações sôbre o sucedido.

\*

A primeira pessoa conhecida com quem topei foi o Ex.<sup>mo</sup> Conde da Ponte, cuja pouca idade me permitiu assediá-lo com perguntas:

— «Efectivamente é verdade. O Marquês de Loulé foi encontrado, ontem de manhã, morto, sôbre um monte de entulho, no saguão do palácio velho, para onde deita a janela do corredor que conduz aos aposentos de El-Rei. Mas tudo quanto se diga sôbre as causas da morte é, por ora, prematuro. Foi aberta ontem mesmo uma devassa e enquanto não se souberem os seus resultados...»

— «O exame ao cadáver?» — **inquiri.**

— «Na verdade, o exame feito ao corpo pelos cirurgiões da Real Câmara, Teodoro Ferreira de Aguiar e António Bartolomeu Pires, e Joaquim António da Fonseca, do partido da Câmara desta vila, parece ter levado à conclusão de que a morte fôra violenta e

que, depois do assassinio cometido, é que o cadáver foi levado para o local onde o acharam. Em todo o caso, nada de conclusões precipitadas. Estão os ânimos muito exaltados.»

Como o senhor Conde se calasse, insisti:

— «Quere dizer-me o que se passou na noite do crime — se crime houve — e como se deu pela desgraça?»

O senhor Conde da Ponte tem 27 anos apenas, todavia aparenta mais. Casado há nove, é já pai duma bela criança de oito anos, e o seu viver no Brasil, onde não chegou a exercer o cargo mas foi nomeado Governador e Capitão-General do Pará, são circunstâncias que concorrem para lhe dar uma ponderação que não é própria da sua idade. Muito inteligente, tem grande gosto pelas letras e uma situação preponderante no Paço. Tudo isto contribue para que eu não pudesse encontrar melhor informador. Tomou-me o senhor Conde pelo braço e, enquanto me conduzia até o local onde encontraram o corpo do Estribeiro-mor, foi-me contando, visivelmente impressionado:

— «Imagine que cheguei a Salvaterra no sábado, dia 28, à tarde, na companhia do Visconde de Santarém e de D. Francisco de Sales, filho do Marquês de Abrantes. Vínhamos para tomar parte nas cavalhadas e para assistir à récita, que se devia ter realizado ontem à noite, com a representação da farsa *Manuel Mendes Enxúndia*, em que entravam uma das Senhoras Infantas, o Senhor Infante, o Marquês de Abrantes, o Conde de Soure e outras pessoas. Esperávamos passar aqui um Entrudo bem divertido. Mas o homem põe e Deus dispõe...

«Na noite do dia em que cheguei, realizava-se o ensaio geral do entremez. O Senhor Infante convidou-me a assistir a êle e eu lá estive, na sala do teatro, com o Marquês de Tancos, meu sogro, o Marquês de Belas, o Conde de Vila-Flor, o de Paraty, o de Atalaia, o Simão Infante, o João Pedro, o João Madeira, e, entre muita gente mais, é claro, o Marquês Estribeiro-mor. Conversámos, rimos, assistimos ao primeiro ensaio, e, ao começar o segundo, disse o Marquês para o Senhor Infante: — «Ainda outro, meu Senhor?!» — «Isto vai de-prensa», retorquiu o Senhor D. Miguel. E o novo ensaio começou. Seriam umas onze horas, o José Maria, filho do Marquês, vendo o pai levantar-se e tomar a direcção da escadinha que liga com o corredor para o quarto de El-Rei, perguntou-lhe: — «V. Ex.<sup>a</sup> vai-se?» — «Vou», respondeu o Marquês; ao que o filho tornou: — «Olhe não dê por aí alguma pancada.» — «Não dou!», replicou-lhe o pai. E desapareceu no escuro.

«Estes são os últimos passos e as últimas palavras que se conhecem do Marquês de Loulé. O ensaio prosseguiu até cêrca da meia-noite, sem ninguém mais pensar no senhor Marquês. Quando o Senhor Infante se recolheu, ouviu-se um grande estrondo; mas era Sua Alteza a arrombar a porta da sala dos Archeiros que encontrara fechada à chave.»

\*

— «Quem deu pelo desastre... ou pelo crime?» — perguntei eu, ainda pouco satisfeito com o muito que já ouvira.

— «Foi o Rafael Martins, o reposteiro que estava

ao serviço do Marquês de Loulé. Esperou o amo até à meia-noite e, como êle não apparecesse, deitou-se vestido. Pela manhã, já em cuidado, foi procurá-lo e deparou com o triste espectáculo que sabe. O Marquês estava estirado de costas, sôbre o entulho. A cabeça ensopada em sangue, os braços abertos em cruz, e numa das mãos ervas mal comprimidas, agarradas não se sabe onde... Aqui começa o mistério!

«Mas vamos por partes. Rafael Martins deu conta do caso a Joaquim Brusco, criado particular de El-Rei, que foi logo informar seu amo. Quando Sua Magestade viu o cadáver do seu querido Estribeiro-mor, estacou, apavorado, e só pôde murmurar: — «Lá está êle!», num tom que fazia pena. Acorreu também logo o Senhor Infante, muito aflito, e, com Sua Alteza, D. Manuel Jerónimo da Câmara, o Marquês de Tancos, o Conde de Soure e outros fidalgos de serviço no Paço.

«Começaram então a fervilhar as conjecturas. Duas correntes se estabeleceram logo: a dos que dizem que o Marquês se precipitou desta janela, julgando que era uma porta, e foi vítima de mero desastre; e a dos que supõem antes que êle tinha muitos inimigos e que alguns dêstes, ou porque o encontraram casualmente, ou porque estivessem à sua espera, o envolveram numa manta, lhe deram tantas pancadas na cabeça que lhe tiraram a vida, e, depois, o foram colocar onde pela manhã o encontraram. Apareceram umas pégadas, ali junto àquela janela...»

Tínhamos chegado ao vão, ou saguão, onde fôra encontrado o cadáver do Marquês de Loulé. É um quadrilátero que outrora foi sala e que o incêndio

que destruiu o palácio velho, em 1817, reduziu a um montão de ruínas. Esta parte está por reedificar, por isso aquela sala é hoje um pátio sujo, ao ar livre, e para onde as portas do primeiro andar estão abertas como se fôsem janelas, mas sem grades. Um perigo.

Os que perfilham a tese «desastre» formulam a hipótese assim: O Marquês seguia pelo corredor sem luz. A noite estava escuríssima, porque era a última da lua e, para mais, chovia. Ao chegar à porta transformada em janela sob a qual foi encontrado, enganou-se e, cuidando entrar noutro quarto, precipitou-se no espaço e foi fracturar o crânio no entulho do saguão.

Os de parecer contrário argumentam com o facto do Marquês de Loulé conhecer muito bem o corredor e não ser presumível enganar-se; de haver um ou dois degraus a subir para se chegar à janela, o que o advertiria de que ia por caminho errado; de o cadáver apresentar ferimentos na testa e na bôca e um joelho sujo de terra, quando o corpo foi encontrado estendido de costas; de terem aparecido manchas de sangue na parede da sala dos Archeiros e num degrau da escada para o quarto de El-Rei; de ter o Marquês Estribeiro-mor recebido anteriormente cartas ameaçadoras, de que não fêz caso, mas que denotam a existência do propósito de o exterminar; de ter, enfim, muitos inimigos, quer pessoais, quer políticos, que podiam muito bem ter determinado tirar-lhe a vida...

— «Diga-me alguma coisa, senhor Conde, a respeito das investigações, da opinião do Juiz Tôrres, do exame médico, e até do parecer pessoal de V. Ex.ª»

— «A minha opinião?! Deus me livre!... Aguardemos o resultado da devassa. O Conde de Suberra está com muito desejo de que se descubra a verdade. A menos que...»

Em vão esperei a conclusão desta frase.

— «Mas quem eram os inimigos do senhor Marquês de Loulé, e porque desejavam a sua morte?»

— «Olhe: ali vem quem o pode elucidar sôbre êsse ponto, bem melhor do que eu. Por mim, não digo mais nada.»

\*

Agradei muito ao Conde da Ponte as suas excellentes informações e dirigi-me à nova personagem que vinha também visitar o pátio onde apparecera o cadáver.

— «Dir-lhe-ei alguma coisa a êsse respeito, com a condição de não pôr o meu nome na gazeta...»

A pessoa que assim me respondeu é um fidalgo trasmontano, antigo magistrado e antigo Secretário de Estado, que hoje ocupa seus ócios em intenso labor literário e que designarei apenas pelas iniciais A. C.

— «As versões sôbre a morte do Marquês de Loulé são tantas que nem sei por onde hei-de começar» — disse, com voz forte, cofiando as pontas do seu bem cuidado bigode, tão fora de moda hoje em dia. — «O Conde de Raraty — prosseguiu A. C. — era inimigo figadal do Marquês, porque entendia que a êle é que competia ser Estribeiro-mor e não a Loulé; e eram seus inimigos também os subordinados dêste, porque lhes não tolerava abusos que supunham Pa-



raty capaz de consentir. Quem conhece bem essa história é a Fanny Grunier, que o pobre Marquês mandou vir de França, há dois anos e meio, e a quem segredava as suas confidências. Eram também seus inimigos o Marquês de Abrantes, D. José, mais por razões políticas do que outras, e seus dois filhos, todos chegados ao partido do Senhor Infante e da Rainha Nossa Senhora. E já que falamos no Infante, não sei se sabe... Sim; o Senhor D. Miguel não lhe tinha muita afeição. O Marquês era *moderado*, é certo, mas, segundo se diz, haveria outras razões. Amores... ciúmes... Mulheres, enfim. Boatos! O mais sensacional vou-lhe eu dizer agora: o Marquês era maçã; desligou-se, porém, da seita em Junho do ano passado. Declarou-mo êle muito particularmente. Eu estou persuadido de que não houve crime; trata-se dum simples lamentável desastre. A minha velha prática nos Tribunais e as investigações a que procedi levam-me a essa conclusão. Mas, se isto não se comprovar, ali está um facto que os investigadores não devem pôr de parte.

«Talvez ainda um dia escreva um livro sôbre *êste* misterioso caso da morte do Marquês de Loulé.»

E mais não disse a interessante personagem, que se sumiu por um extenso corredor atravancado de caixotes, baús e madeira empilhada.

O sol declinava no horizonte. A sombra da morte parecia pairar por sôbre aquelas paredes que ameaçavam ruína. Procurei o ar livre, como quem procura respirar fundo. Nem senti o frio da tarde. Pus-me a caminhar pela estrada em direcção ao rio, com a cabeleira ao vento e, ante os olhos, a visão do desven-

turado Marquês de Loulé, estendido de braços abertos sobre o entulho. Morto por desastre?... assassinado? ...Que não tarde a concluir-se a devassa, para se desvendar êste mistério!